

Grupo de Trabajo: Inscripción del significante en lo real

Autor: Marta Rietti – Escuela Freudiana de Buenos Aires

Título: Inibição e Invenção

Dispositivo: Mesas de Grupos de Trabajo de Convergencia

Em *Urânia*, Le Clézio nos diz como o recurso à invenção através da escritura lhe permitiu se salvar da loucura, em suas palavras “não ser tragado por si mesmo”¹.

Ser tragado e a passagem a outra posição me permite refletir sobre a inibição e uma saída possível: a invenção. Na inibição aparece o que não se pode ver de si mesmo. Trata-se de uma restrição na relação do sujeito com o seu fazer, detenção do movimento do desejo em relação ao gozo por um ideal abrumador que afeta ao eu em suas funções. O desejo é aqui defesa contra o desejo do Outro tomado em termos de demanda e gozo. Lacan a define como “sintoma colocado no museu” próxima ao impedimento, lugar onde a armadilha narcísica se aloja². A partir dos três registros pode-se pensar como entradas de gozo no Imaginário³ e imissão e arrastamento do Simbólico, produzindo um efeito de esmagamento no Real⁴.

É em relação à queda, vacilação dos significantes de inibição que surgiria um saber novo, produto do trabalho do analisando e do saber-fazer do analista⁵. Significante inovador que já estava no sujeito, do qual este agora faz um uso diferente. Que já esteja nos diz a anterioridade lógica feita de significantes que foram recebidos e tomados pelo sujeito através da dialética identificatória⁶.

¹ Le Clézio J, M, G: *Urania. Inventé un país*. Ed. Gallimard, 2006. É em dito capítulo onde refere a história de um país imaginário que inventou a partir do que sua mãe lhe lia na infância. Nomes que saíam de uma voz conhecida, insistência mesclada da voz e da palavra. É a mãe quem inventou para compartilhar o sonho da criança ou é a criança mesmo? Aproveita-se para pontuar que é necessário que a voz caia para que alguém comece a falar.

² Lacan, J.: *Seminário La Angustia*, inédito. Define a inibição em relação à entrada em função de um desejo diferente ao adequado para levar a cabo uma ação.

³ Yankelevich, H.: *El otro trauma*.

⁴ Lacan, J.: *Seminário RSI*, inédito.

⁵ Lacan, J.: *El Saber del Psicoanalista*. S1 alude aqui ao/aos significantes produtores de um saber novo. Não os chama significante mestre e os diferencia do Saber na cadeia S2.

⁶ Lacan, J.: *L'Insu*, inédito. Retoma as três identificações freudianas nomeando-as de outro modo; 1ª. identificação: ao real do Outro real; 2ª. identificação: ao simbólico do Outro real e 3ª. identificação: ao imaginário do Outro real. Na intervenção não se trata de significantes que não estavam, senão desses que foram recebidos pela criança e dos que se dispõe; estão em reserva para serem utilizados de um modo diferente. Inclusive Lacan sublinha que o melhor que pode acontecer ao sujeito é ter recebido e tomado ditos significantes.

Já faz tempo conduzi a análise de uma jovem que em suas palavras “estirava”⁷ tudo o que se propunha fazer. Quer dizer, a ação entanto um fazer não se produzia. Havia consultado devido a uma série de abortos que realizou. Puderam ser lidos como *actings*, tentativa de corte com o Outro, saídas da detenção na qual se encontrava. Relatava as coisas em um tom monocórdio de voz, quase como um ronronar, discurso metonímico de uma enorme dificuldade para escutar. Era um problema para ela dormir grandes sestas. Dormia assim para não tomar conhecimento, para não saber, para não estar como sujeito. Lembro de haver realizado diferentes intervenções para por em questão o ideal de família sagrada, ideal esmagador que ela padecia. Censurava-se pelos abortos, já que considerava ter “matado pessoazinhas”. A respeito dos significantes “matei”⁸ e “sesta” tive a oportunidade de intervir nessa mostra que fazia: não poder, não ser capaz. Destacar o significante “matei” (não podia prestar provas de matemáticas) permitiu romper uma significação que congelava um sentido unívoco. O mesmo aconteceu quando intervim no significante “se-estás”⁹ produzindo-se uma mudança em sua implicação como sujeito.

Pois bem: a análise possibilita deixar de não querer saber sobre o gozo que se ignora. Esse gozo onde se é sendo esse objeto imutável, neste caso aqui: “pessoazinha matada”.

É tirando¹⁰ fora essa pessoazinha matada, a qual se identificou, morta em vida, que o real pôde moldar-se diferente. Nisso radica, a meu critério, a eticidade da análise: contar com a possibilidade de barrar o “sendo”, transformando-o num gozo caduco. S1, no lugar da produção, dá conta de um saber novo, ato de separação desse significante em relação aos outros, sem deixar de considerar que é também o significante que ata ao inconsciente o pai morto como fantasma. Precisamente penso a invenção operando sobre a modalidade singular do fantasma, num novo recurso à metáfora a partir do que esta última instalou.

⁷ Mantivemos o verbo “estirar” em vez de “esticar”, respeitando o jogo homófono proposto pela autora (N. T.).

⁸ A autora explora a homofonia, no idioma espanhol, entre o verbo “*maté*” e o radical do termo “*matemática*”, homofonia também presente no idioma português: “*matei*” e “*matemática*”.

⁹ O termo “sestas” no idioma espanhol se traduz *siestas*. O termo *siestas* permite a intervenção *si-estás* que se refere ao verbo estar assim apresentado “se-estás”.

¹⁰ O texto original apresenta a homofonia em espanhol “*es tirando*” com a palavra “estirando” (N. T.).

É o furo, real não simbolizado, núcleo irreduzível desde onde se abre o horizonte da invenção. O real só pode bordejar-se em cada um dos acontecimentos, nas contingências que a vida apresenta. E isso coloca à invenção do lado do não-todo, do imprevisível, do imprezível.

O menino escritor pôde servir-se de palavras incompreendidas, transmissoras de gozo, que o marcarão de maneira singular. Com o recebido, deixou-se “tragar” pela paixão de escrever, inventando.

A intervenção analítica, ao produzir equívocos sobre os significantes que nomeavam sua inibição, possibilitou a produção de algo inovador, permitindo àquela analisante sair do adormecimento em que se encontrava¹¹.

Marta Rietti

martarietti@fibertel.com.ar

¹¹ Como se molda o real pelo significante? Que efeitos têm no malogrado que a vida desdobra? Estas perguntas são um modo de pensar o título que convoca este Grupo de Trabalho: Inscrição do significante no real. Pois bem, a inibição mostra dois lugares de permanência do significante (real-simbólico) em oposição, permanecendo o significante só no real, congelado ante o olhar do Outro, pois perde o movimento que imprime o simbólico. É pertinente pensar o efeito da intervenção analítica que produz a queda dos S1, significante (s) da inibição. O saber novo que emerge incide no real de outro modo, eliminando a oposição entre níveis, já mencionada.